

TCC

Orientadora: Raquel Ponte

Bruno Moulin Loreto

# The Accromancer

projeto gráfico de um Penny Blood



UFRJ

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Comunicação Visual Design

Rio de Janeiro  
2020

## RESUMO

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso é desenvolver o projeto gráfico de um renomado *Penny Blood* com a proposta de resgatar as histórias de época que eram tão ricas em detalhes, mas que não eram valorizadas no século XIX. Fazendo um redesign de *The Necromancer*, um dos livros de um dos mais conhecidos autores de seu tempo, *George W. M. Reynolds*, o foco é trazer a obra para a atualidade sem que perca sua essência. *Penny Blood* é um estilo literário nascido na Londres vitoriana editado em capítulos nos jornais. Seu nome foi dado por causa do módico valor que era cobrado por exemplar - 1 *Penny* - e por ser seu conteúdo, em sua grande maioria, sangrento - por isso *Blood*. Apresentando a história dos *Penny Bloods* e do autor *George W. M. Reynolds*, faço um mergulho nesse universo para finalizar o projeto de uma forma bela e eficaz, trazendo o assunto para a atualidade com a intenção de incentivar a leitura naqueles que ainda não conhecem o gênero.

**Palavras-chave:** Design editorial. *George W. M. Reynolds*. *Penny Blood*. Gótico.

## **ABSTRACT**

The aim of this final work is to develop the graphic Project of a renowned *Penny Blood*, intending to retrieve the narratives of that time, which were popular among the working men but usually diminished by the middle classes. By remodeling *The Necromancer*, a book written by one of the most famous author of its time, George W. M. Reynolds, the purpose is to bring the novel to our current times without losing its essence. Penny Blood is a literary style created in the Early Victorian United Kingdom, each usually novel came to the readers in weekly chapters. Its name was chosen because of the modest price that was charged by copy – 1 *Penny* – and by its content, usually bloody, hence *Blood*. Introducing the story of the Penny Bloods and of author George W. M. Reynolds, I dig deep in this universe in order to give this project a beautiful and efficient finish, desiring to bring the style to our contemporary days so people who does not know the genre could be stimulated to read it.

**Keywords:** Editorial design. George W. M. Reynolds. Penny Blood. Gothic.

## Lista de figuras:

Figura 1: The Necromancer, Edição publicada em 2008. p6.

Figura 2 e 3: The Necromancer, parte interna do livro. p7

Figura 4: Ilustração Varney the Vampire; or, The Feast of Blood, 1845-1847. p9

Figuras 5 e 6: Lives of the Most Notorious Highwaymen, Footpads, 1836. p10

Figura 7: Primeira página da primeira edição de *The Mysteries of London*, 1845.  
p12

Figura 8: Capa do livro “Sweeney Todd and the string of pearls” por James Malcolm Rymer. p22

Figura 9: Capa do livro “A lenda do Cavaleiro sem Cabeça” por Rip Van Winkle.  
p23

Figura 10 e 11: Grafismo do livro “O Rei de Palha” por Kayla Ancrum. p.23

Figura 12: Grids para aberturas de capítulo e páginas normais. p25

Figura 13: Grids para aberturas de capítulo e páginas normais. p26

Figura 14, 15, 16, 17 e 18: Grafismos para as aberturas de capítulo. p28

Figura 19: Arabesco para finalização de capítulo. P28

Figura 20: Finalização de capítulo com arabesco. P29

Figura 21: Sumário. p30

Figura 22: Capa dura do livro. p31

Figura 23: Mockup do livro. p32

Figura 24: Sobrecapa do livro. p33

Figura 25: Parte interna da sobrecapa do livro. p33

Figura 26: Mockup sobrecapa. p34

# Sumário

<b>1. Introdução</b>	<b>5</b>
<b>2. Penny Blood</b>	<b>8</b>
2.1. G. W. M. Reynolds e suas obras.	15
2.3 The Necromancer	20
2.4 Análise de algumas referências.	21
<b>3. Projeto</b>	<b>24</b>
3.1 Formato	24
3.2 Grid	25
3.3 Tipografia	26
3.4 Ilustrações	27
3.5 Miolo	29
3.6 Capa dura	29
3.7 Sobrecapa	31
3.8 Conclusão	33
<b>4. Bibliografia:</b>	<b>35</b>

## 1. Introdução

Esse projeto consiste na criação de um projeto gráfico para um Penny Blood, tendo a proposta de trazer essa literatura para atualidade. Incentivar a leitura é um trabalho de todos. Me utilizando de um renomado *Penny Blood* que teve seu lançamento em 1840, venho com a proposta de trazer essa literatura para a atualidade, mudando a forma de apresentação e leitura da época sem deixar a essência se perder pelo caminho.

Quando criança sempre me atraiu o mistério e o sombrio, fazendo eu ter um apreço pelo fantasioso, mitológico, folclórico ou até mesmo considerado por alguns obscuro, criando assim todo o meu fascínio por literatura fantástica. Durante minha trajetória no curso de design uma das coisas que sempre me vinha à mente era a possibilidade de tornar real aquilo que eu sempre imaginava ou lia em páginas preto e branco. Para muitos a literatura é uma forma de escape da vida real, um lugar onde você pode estar onde você quiser e ser quem você quiser, você faz parte de algo grande, fantástico e que te faz sentir acolhido.

Atualmente contos de horror estão voltando a tomar seu lugar nas prateleiras e nos corações dos leitores. Com muitos livros famosos ganhando o formato de longa metragem, a ânsia por mais fez com que a nova geração procurasse mais histórias e contos sobre magos malfeitores, vampiros, lobisomens, zumbis, ou até mesmo as histórias localizadas no nosso plano de realidade, com assassinos em série, canibais e etc. Ao me deparar com esse acontecimento, aquele sentimento de que eu poderia trazer à vida algo que sempre me encantou cresceu e decidi externalizar através desse projeto, trazendo algo já esquecido por muitos, porém de uma excelente qualidade: histórias que sequer tem tradução para nossa língua.

Tive meu primeiro contato com *Penny Bloods* após tomar conhecimento de uma série de televisão chamada *Penny Dreadful* lançada em 2014 pela HBO.

Nós já consumimos *Penny Dreadfuls* desde pequenos sem ao menos saber, como Frankenstein e Dorian Gray, por exemplo, conhecemos as histórias sem saber a sua origem, e foi atrás dessa origem que conheci os *Penny Bloods* que explicarei mais adiante o significado e origem. Um famoso filme com o ator Johnny Depp e dirigido pelo Tim Burton "Sweeney Todd, o Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet" de 2007, é um renomado Penny Blood e seu livro só ganhou tradução há pouco mais de 4 anos, mesmo esse filme já tendo sido filmado há 13 anos.

Após ler o livro *The Necromancer* por George W. M. Reynolds, um romance que envolve poderes, pacto e a sede de vida eterna, ainda em seu formato original de duas colunas por página e em inglês de época, surgiu a ideia de trazer pra realidade atual dos jovens que estão consumindo esse tipo de literatura. Meu desafio era fazer com que um livro maçante e pouco atrativo visualmente ganhasse vida de novo por meio de um design renovado e atual. Escolhi esse primeiro conto que eu tive contato para tal feito.

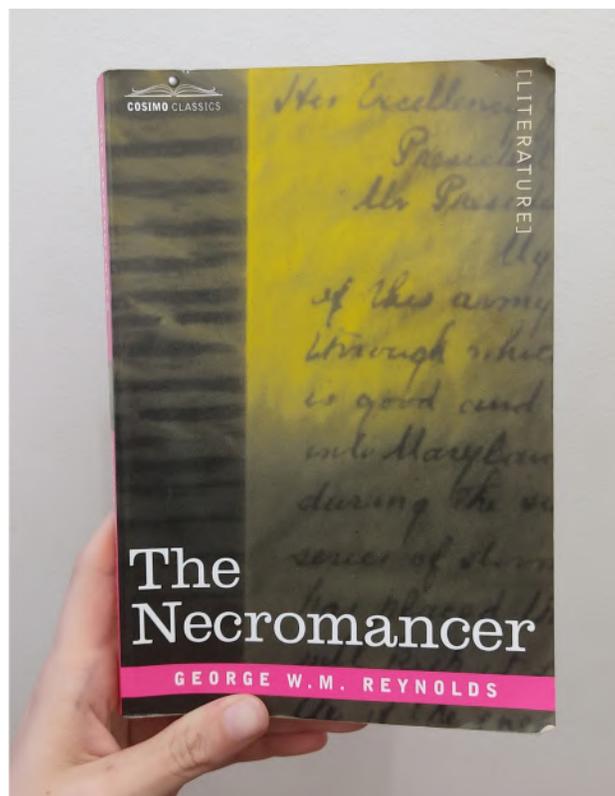


Figura 1: The Necromancer, Edição publicada em 2008.

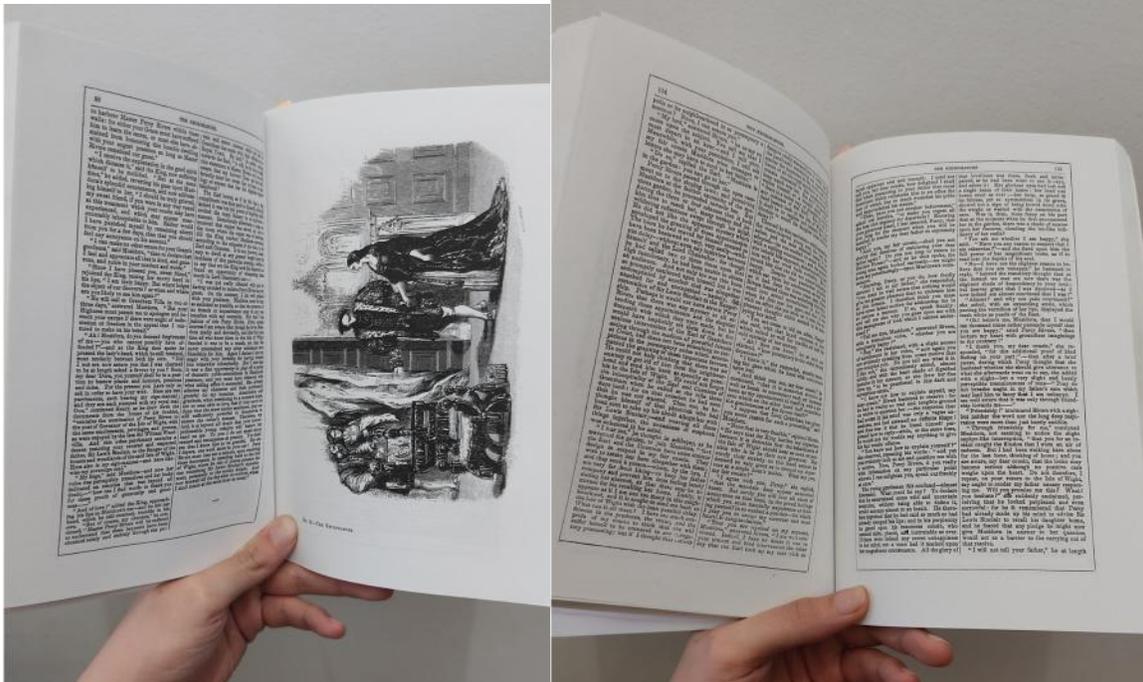


Figura 2 e 3: The Necromancer, parte interna do livro.

Esta edição é um *Fac-símile*<sup>1</sup>. A editora replica a obra que era vendida em 1840, sem adaptar o projeto gráfico para o formato mais adequado ao livro. Sem personalidade, com algumas dificuldades na leitura, porque o exemplar que usaram para a cópia nem sempre estava na melhor condição, sem brilho, esta edição é apenas um registro deste Penny Blood e não um projeto a ser apreciado. O livro tem um ponto positivo que é a reprodução das imagens originais criadas para a capa de cada capítulo, ainda que algumas tenham se perdido ao longo dos anos.

Portanto este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo desenvolver o projeto gráfico do *Penny Blood The Necromancer*. Para isso, o projeto se baseou em pesquisa bibliográfica que visa levantar a história dos Penny Bloods e seu contexto Histórico, bem como apresentar a publicação escolhida e o autor da obra.

## 2. Penny Blood

<sup>1</sup>*Fac-símile* - é toda cópia ou reprodução de letra, gravura, desenho, composição tipográfica etc.

O estudo a seguir tem como foco a análise dos impressos conhecidos como Penny Blood, um subgênero do romance, uma forma literária inovadora da época vitoriana tanto pelos temas quanto pelo potencial de veiculação de ideias. Em moldes de narrativas sensacionais, vieram ao público serializadas em partes frequentemente semanais, com o objetivo de alcançar a classe trabalhadora mais baixa da sociedade.

Nascendo em um contexto histórico de metamorfose: a Inglaterra vivenciou mudanças sociais no século XIX que elevaram a taxa de alfabetização que, junto com a ascensão do capitalismo e da industrialização levou a criação da indústria do entretenimento. Com a população cada vez mais interessada por romances e formas novas de lazer, as mudanças impulsionaram a melhora do sistema de impressão. A construção de ferrovias e motores contribuíram para esse tipo de entretenimento direcionado às massas, facilitando a disseminação em grande escala de um produto de fácil acesso e atrativos.

Penny Bloods, nome pelo qual eram conhecidas essas histórias que narravam aventuras de piratas, ladrões e salteadores de estrada, eram vendidos em bancas de jornais e feitos com papel barato e uma ilustração preta e branca na capa e contendo por volta de 8 páginas. Com o sucesso do gótico, penny bloods traziam narrativas policiais a entidades sobrenaturais. "O nome "*Penny*" se refere á moeda da época, já que o exemplar era vendido pelo preço módico de 1 penny, com o intuito de atingir a classe trabalhadora. Já "blood" se refere às vividas histórias sangrentas que os mesmos abordaram."(MELLO, 2018) Mais tarde eles viriam a ser conhecidos como Penny Dreadfuls, pois dreadful significa terrível.

Penny Dreadfuls: Utilizado de maneira mais genérica, aplicando-se a todo tipo de ficção, desde suas raízes nos romances góticos da década de 1830 até seu declínio nas histórias escolares de aventuras por volta dos anos 1910. O termo Penny Blood assim, identificá as histórias de crimes, horror e escândalos que popularizaram na década de 1840.

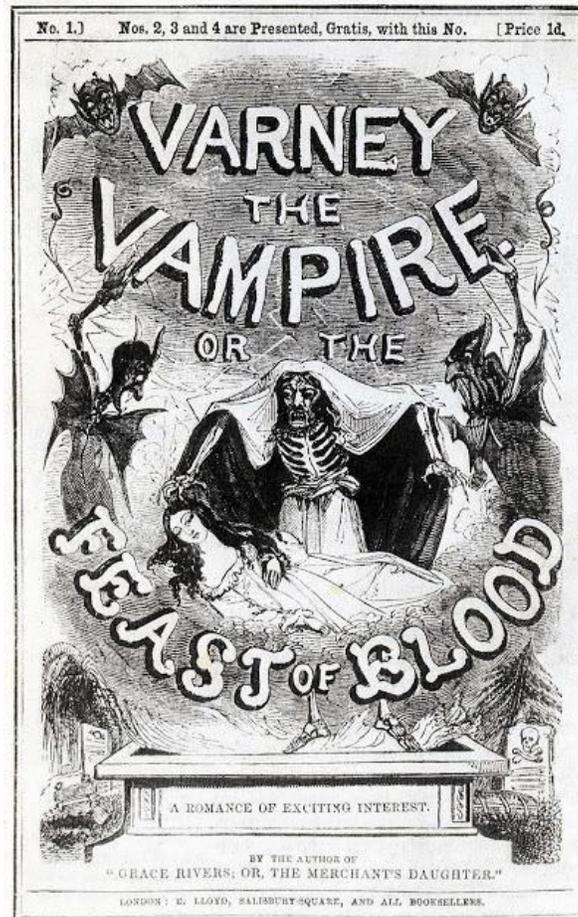
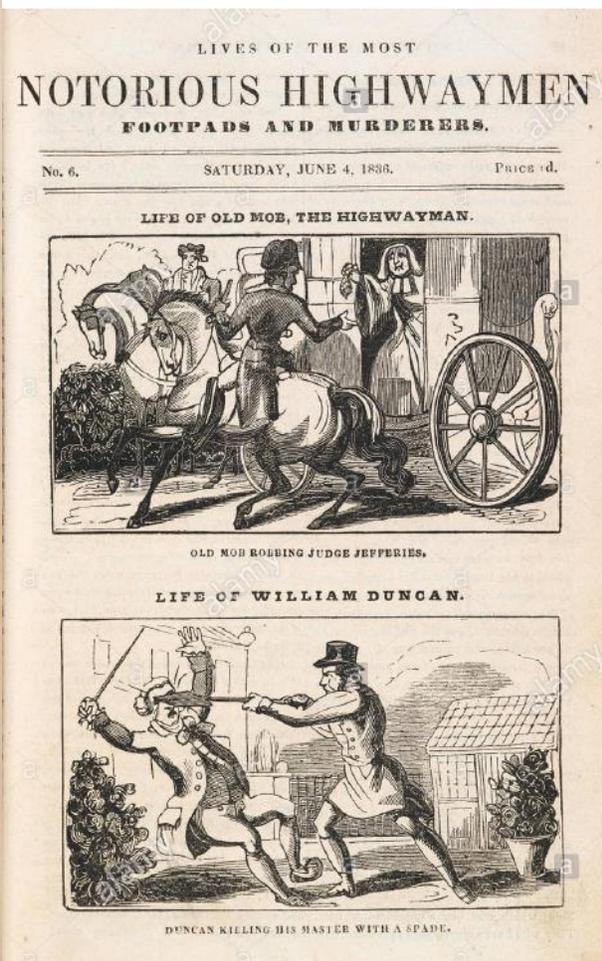
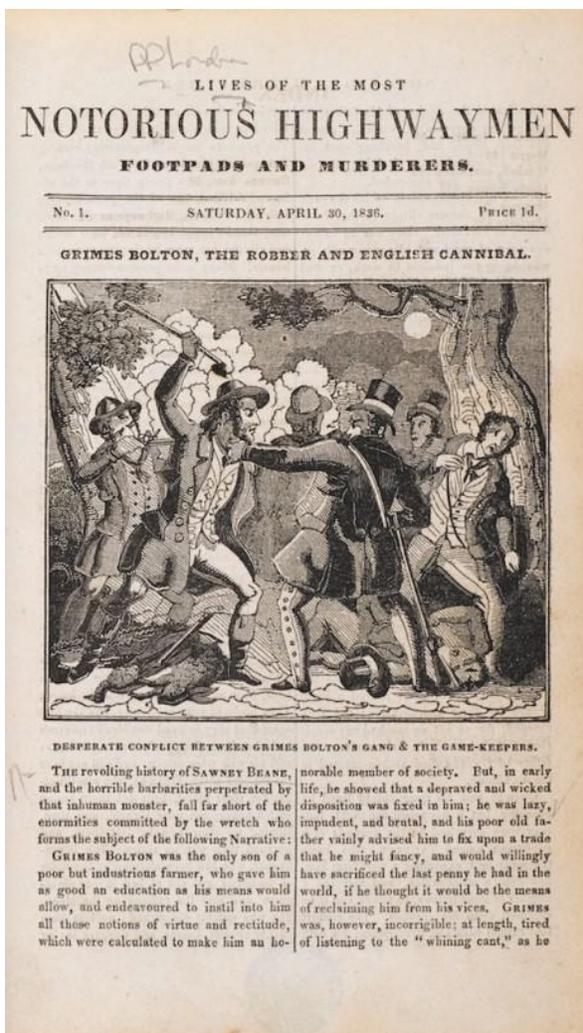


Figura 4: Ilustração Varney the Vampire; or, The Feast of Blood, 1845-1847.

O primeiro penny blood foi publicado em 1836 sob o título de "*Lives of the Most Notorious Highwaymen, Footpads*" (Vidas dos Mais Notórios Salteadores de Estradas, em tradução livre) e existe um mistério sobre quem o escreveu. Uma página sugere que o autor se chame Charles Johnson, porém não existem traços sobre esse homem na história, logo, historiadores acreditam que possivelmente ser um pseudônimo<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> A General History of the Lives and Adventures of the Most Famous Highwaymen, Murderers, Street-Robbers. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/a-general-history-of-the-lives-and-adventures-of-the-most-famous-highwaymen-murderers-street-robbers>. . Acesso em: 23 de novembro de 2020.



Figuras 5 e 6: Lives of the Most Notorious Highwaymen, Footpads, 1836.

Aos poucos os editores descobriram que era mais rentável utilizar fontes destacadas para os títulos das obras e ilustrações de forma mais sensacionalista possível, evidenciando cenas violentas e com bastante sangue. As histórias eram publicadas em sequências variadas de um capítulo a cada 15 dias ou até um capítulo por mês<sup>3</sup>. Era comum a criação de clubes

<sup>3</sup> No Brasil também tínhamos um gênero parecido com a distribuição periódica de contos como os Penny Bloods: eles se chamavam de Folhetim. "De origem francesa le feuilleton designa o que se chama de rodapé. Os jornais, e posteriormente as revistas, ofereciam o espaço do rodapé para que fossem publicados textos para o entretenimento dos leitores como charadas, receitas culinárias, crítica literária, textos de ficção publicados em capítulos, dentre outros." (SILVA, 2020). O gênero chegou ao Brasil por meio da burguesia brasileira. Muitos escritores brasileiros se interessaram por essa forma de reprodução e divulgação de suas obras. "Joaquim Manuel de Macedo é a primeira grande referência. Com a publicação do romance *A Moreninha* - 1844, e a grande popularidade por ele alcançada junto ao público leitor, fica definitivamente marcada com as características do romance-folhetim a história do romance brasileiro em seus primórdios." A leitura das publicações de romances de folhetim e muitos outros costumes influenciaram de uma maneira marcante a formação da identidade nacional brasileira, que

de leitura para compartilhar o livreto entre garotos da classe trabalhadora que não dispunham de dinheiro, passando o mesmo de leitor a leitor.

No início os penny bloods eram, em grande parte, baseados em histórias reais ou contos góticos recontados. Salteadores de estrada ganharam um grande apreço e favoritismo dos penny-readers. A vida de um salteador chamado Dick Turpin foi relatada em uma série de 254 episódios chamada "Black Bess or the Knight of the Road"<sup>4</sup>. Com o sucesso de Dick Turpin as histórias de salteadores foram ficando previsíveis e deram lugar a histórias mais medonhas. Envenenamento, afogamento e outros temas mais pesados foram abordados e aprimorados com a ajuda do sobrenatural. A sedução de contos de horror no final do século XVIII voltou à circulação com bruxas, homens mascarados, crianças roubadas, homens de títulos homicidas e etc. O livro de maior sucesso foi o "The Mysteries of London", escrito por G W M Reynolds<sup>5</sup> e foi baseado em um livro francês chamado "*The mysteries of Paris*" escrito por Alexandre Dumas.

assimilava os modelos europeus e os adaptava ao nosso cotidiano, em um momento de construção do estilo de vida que estava sendo adotado pelo povo brasileiro. No gênero folhetinesco cabem múltiplas opções de enredo, de assuntos frívolos aos mais sérios, de assuntos que são o tema de conversas particulares aos acontecimentos que interessavam a história, oferecendo aos seus autores infindáveis possibilidades de tramas, para ilustrar as publicações com a realidade do ser humano: traições, trocas de identidades, infidelidades, violência, o amor, o incesto, a loucura, o desejo, a miséria e as inquietações da alma humana.

4 PETER, Bianca, Penny dreadfuls: a literatura gótica para as massas. Disponível em:

<http://notaterapia.com.br/2018/02/24/penny-dreadfuls-literatura-gotica-para-massas/>. Acesso em 23 novembro 2020

5 G. W. M. Reynolds: George William MacArthur Reynolds

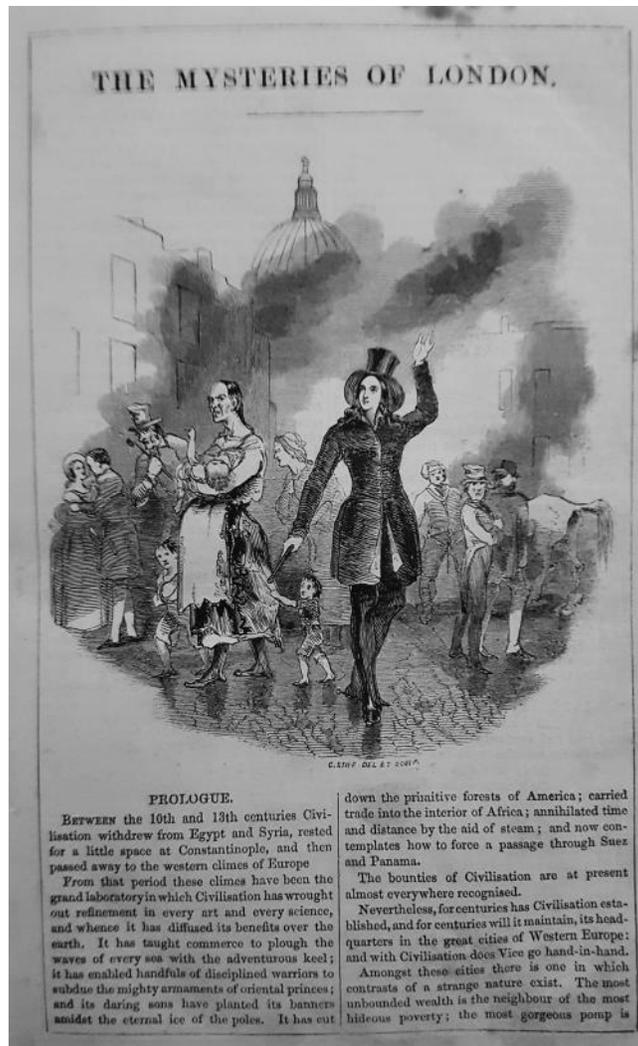


Figura 7: Primeira página da primeira edição de *The Mysteries of London*, 1845.

Publicado em 1844, manteve sua circulação por 12 anos, com mais de 4 milhões e meio de palavras. Teve como inspiração a vida dos mais desafortunados, e seu sucesso é explicado pela realidade da narrativa, sempre próximo da vida dos seus leitores. Outra história que fez muito sucesso na época foi publicada em 1846 sob o título de "The String of Pearls" (O Barbeiro da Rua Fleet, Sweeney Todd) escrito por James Malcolm Rymer e Thomas Peckett Prest, o livro foi publicado novamente com mais de 900 páginas em 1850 e já teve musicais e um filme dirigido por Tim Burton.

G. W. M. Reynolds e Edward Lloyd, outro renomado escritor de *Penny Bloods*, são exemplos de autores, que enxergaram o potencial desta nova forma de lazer como instrumento privilegiado de difusão de ideias, fazendo

uso desse caminho para a exposição das condições de vida dos menos afortunados e alimentando uma imprensa radical alinhada ao movimento Cartista- movimento social inglês que inicialmente visava a luta pela inclusão política da classe operária.

O movimento cartista ocorreu ao longo dos anos 1830 e contou com a imprensa como aliada fundamental para difundir as ideias e garantir coesão ao nível nacional. Os *penny bloods*, aos olhares desatentos, foram tomados como produções destinadas apenas a suprir a necessidade por leitura e entretenimento da classe trabalhadora, porém, é possível notar o empenho vindo da imprensa radical em produzir e propagar esses papéis baratos, evidenciando histórias sensacionais, de crimes e sobrenaturais, com tons de denúncia, expondo as falhas e a degradação humana do submundo de Londres.

Em 1901, o filósofo e escritor inglês Gilbert Keith Chesterton publicou o manifesto "Uma defesa dos Penny Dreadfuls" (A Defence of Penny Dreadfuls) dando apoio à literatura barata como os *penny dreadfuls*, por exemplo, destacando a relevância desse veículo para a compreensão da literatura popular vitoriana e seu tempo. Seu manifesto expressa a sua revolta com a forma que as "classes educadas" ignoraram e desprezaram as publicações, tratando-as como inferiores e de um péssimo gosto. Com a frase emblemática: "*Literature is a luxury fiction is a necessity*"<sup>6</sup>, Chesterton denunciou o que distanciava a "alta literatura" das camadas mais baixas da sociedade, mas deixando claro que a ficção os atingia de alguma forma, sendo uma necessidade.

O prestígio que nomes como Charles Dickens e William Makepeace Thackeray, escritores romancistas voltados para a burguesia e que não escreviam *penny bloods*, desfrutaram no hall dos grandes romancistas do século XIX é de conhecimento de todos. No entanto, até meados do século XX, a crítica subjugou, quando não simplesmente ignorou a importância de tantos outros autores voltados às classes mais baixas. G W M Reynolds é um desses nomes, pouco conhecido nos dias atuais, porém "o escritor mais popular de seu tempo"<sup>7</sup> segundo o *The Bookseller* em 1879, um autor cujas obras sobrepuseram até as de Dickens.

6 CHESTERTON, G. K. *A Defence of Penny Dreadfuls*. Disponível em <http://www.gkc.org.uk/gkc/books/penny-dreadfuls.html>. Acesso em 19 jul 2020

7 *The Bookseller*, 3 Julho 1879, pp 600-601

“No dia 14 de outubro de 2013, uma palestra realizada em Londres pela *The Reading Agency*, uma organização de incentivo à leitura, Neil Gaiman, escritor britânico, falou sobre a importância da leitura.”<sup>8</sup> Ele abordou vários temas e entre eles a responsabilidade dos cidadãos de exercerem a leitura e destacou a função das bibliotecas como cultivadoras do hábito de ler. Que ler é parte vital da formação do indivíduo e da valorização do conhecimento. Ele disse:

A ficção tem dois usos. Primeiro, ela é uma porta de entrada à leitura. O desejo de saber o que vem depois, virar a página, a necessidade de continuar, mesmo que seja difícil, porque alguém está com problemas e você precisa saber como tudo vai terminar... esse é um desejo muito real. E isso te impele a aprender palavras novas, ter pensamentos novos, prosseguir. Descobrir que ler por si só é prazeroso. Uma vez que aprenda isso, você está a um passo para ler tudo. E ler é fundamental. [...] E a segunda coisa que a ficção faz é criar empatia. Quando você assiste à TV ou a um filme, está vendo coisas acontecendo com outras pessoas. A ficção em prosa é algo que se constrói com 26 letras e um punhado de sinais de pontuação, e você, sozinho, usando sua imaginação, cria um mundo, povoa-o, olha para ele com outros olhos. Você consegue sentir coisas, visitar lugares e mundos que nunca conheceria de outra forma. Você aprende que todo mundo ali é um eu também. Você está sendo outra pessoa e, quando voltar para o seu próprio mundo, estará ligeiramente mudado.<sup>9</sup>

O discurso de Gaiman é bastante representativo das questões que ainda hoje se fazem pertinentes acerca da leitura. “A sociedade contemporânea atribui um grande valor educativo e cultural à atividade: ler significa não só adquirir conhecimento e desenvolver senso crítico, mas também deixar a imaginação fluir e se permitir um prazer; e para leitores assíduos, ler assume uma função ainda mais importante, que é a prática do cultivo de si.”<sup>10</sup> Porém existem preocupações com o futuro e com a queda progressiva

8 SALLES, Karina dos Santos. Penny Bloods - O Horror Urbano na Ficção de Massa Vitoriana.

Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3115> . Acesso em: 03 de novembro de 2020

9 GAIMAN, Neil. Neil Gaiman lecture in full: Reading and obligation. Palestra originalmente realizada em 14 de outubro de 2013 pela The Reading Agency. Disponível em:

<https://readingagency.org.uk/news/blog/neil-gaiman-lecture-in-full.html> . Acesso em: 03 de janeiro de 2020.

10 SALLES, Karina dos Santos. Penny Bloods - O Horror Urbano na Ficção de Massa Vitoriana.

Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3115> . Acesso em: 03 de novembro de 2020

da leitura. Acredita-se que o hábito da leitura esteja perdendo forças por conta das “distrações tecnológicas”. Assim como existem pessoas que julgam a qualidade do que está sendo produzido atualmente, principalmente os de ficção, rotulando como ruim ou literatura de mau gosto.

Deixando as polêmicas de lado, a leitura de ficção hoje é vista como uma atividade corriqueira e até mesmo benéfica para a imaginação, apesar de já ter sido considerada um hábito prejudicial ao bom senso dos leitores, assim como um dia o romance já foi considerado um entretenimento frívolo e deteriorante por se acreditar que ele distorcia a realidade e feria valores morais com retratos exagerados e sentimentais da vida, deixando assim leitores distraídos e iludidos a realidade, atualmente a leitura de ficção está presente em livros, filmes, peças de teatros e jogos eletrônicos.

## 2.1. G. W. M. Reynolds e suas obras.

“Seus leitores sabiam que ele era Cartista, republicano, *teetotaller* (pessoa que nunca bebe álcool), feminista, filossemita e pró-árabe, porque ele dizia isso para eles, incansavelmente, em cada obra que escrevia.”<sup>11</sup>. Com essa frase Dick Collins descreve a biografia de G. W. M. Reynolds, um notável homem que foi uma figura influente da ficção de massa produzida no período vitoriano, por muito tempo esquecido pelo público geral e pela academia, sobrevivendo apenas graças aos colecionadores de *penny bloods* e *penny dreadfuls* e os fissurados em literatura gótica. Apresentaremos uma pequena biografia, usando como embasamento relatos feitos por Anne Humpherys (2008) “An Introduction to G.W.M. Reynolds’s ‘Encyclopedia of Tales’”, Louis James (2008) “G. W. M. Reynolds: Nineteenth-Century Fiction, Politics, and the Press” e Dick Collins (2007) “George William McArthur Reynolds: A Biographical Sketch” Edição Kindle, que mostram sua dedicação ao seu trabalho e suas opiniões polêmicas.

Charles Dickens é o primeiro nome que vem a cabeça quando se pensa em um escritor representativo do período vitoriano, levando em consideração o

11 “His readers knew he was a Chartist, a Republican, a Tee-Totaller, a Feminist, a Philo-semita and pro-arb, because he told them so, relentlessly, in every work he wrote” COLLINS, Dick. “George William McArthur Reynolds: A Biographical Sketch”. In *The Necromancer [1851-1852]*. Edição Kindle. Kansas: Calancourts Books, 2007, pos. 47-51.

vasto público que suas obras alcançou e ao seu sucesso. Consideradas por alguns críticos como exageradas ou muito sentimentais em seu retrato da sociedade londrina, suas obras atendiam a todos os gostos e eram bem recebida pelo público leitor, que incluíam Wilkie Collins e a própria Rainha Vitória. Construindo uma carreira sólida como jornalista e escritor de “literatura respeitável”, permanece até hoje um autor clássico.

Contudo, apesar do renome e da popularidade evidente de Dickens, o recorde de público, crítica e vendas no quesito ficção em prosa vitoriana cabia a G. W. M. Reynolds. *The Mysteries of London* é o romance mais vendido e mais lido do século XIX: vendendo cerca de quarenta mil cópias por semana já no primeiro ano de sua publicação<sup>12</sup>. Com rapidez se tornou um dos autores favoritos da massa de leitores das classes média baixa e da classe trabalhadora. Reynolds escrevia em média mil palavras por dia. Estima-se que *The Mysteries of the Court of London* (1848-1856), uma continuação ainda mais longa da série mencionada anteriormente, tenha 4,5 milhões de palavras, “equivalente a quase cinquenta romances” (KIRKPATRICK, 2013, p.69-73). Publicou trinta e sete romances, sem contar contos e artigos. Foi um escritor mais presente que Dickens, mas mesmo conquistando leitores fiéis ao longo de sua carreira que poderiam transformá-lo em um autor clássico de literatura inglesa, não obteve o reconhecimento, nem a aceitação das classes dominantes na época, que o viam como um radical perigoso, um agitador e um traidor de sua própria classe (JAMES, 2013, p.106-122).

George William McArthur Reynolds nasceu em Sandwich, Kent, no dia 23 de julho de 1814. Provindo de uma família com uma longa tradição naval: seu pai e seu avô materno eram capitães da Marinha Real Britânica e esperavam que ele seguisse o mesmo caminho, já que era o primogênito. Com o falecimento de seu pai em 1822 ele e seu irmão mais novo, Edward, ficaram sob a responsabilidade de um guardião, Dr MacArthur. Começou a cursar a *Royal Military Academy*, em Sandhurst, mas saiu da instituição dois anos após por conta do falecimento de sua mãe “e, principalmente, por não mostrar interesse nem aptidão para a carreira militar” (HUMPHERYS; JAMES, 2018, P.1-2). Reynold costumava ler obras de autores como Thomas Paine e Marquês de Sade, o que claramente moldou a forma como ele enxergava o mundo e suas atitudes em relação ao sistema. Pode-se dizer que ir contra o

12 CALVINO, 2007, p. 10.

desejo do seu pai foi o primeiro ato de rebeldia contra a autoridade, um traço de sua personalidade que o segue por toda sua carreira como jornalista e escritor.

Apesar do status que o seu pai carregava por ter sua carreira militar, sua família não era rica: seus pais deixaram o que nem chegava a ser £2,000 e que só seria liberada completamente em 1837, por isso, Reynolds teve que se virar um tempo sozinho. Acusações de que ele teria cometido vários delitos na sua juventude surgiram em 1848: que ele roubava joias, trapaceava em jogos de azar, se passava por outra pessoa para sair de hotel sem pagar a conta, porém essas acusações só apareceram após ele virar líder do movimento Cartista, como tentativa de afastá-lo da posição.

Reynolds decidiu trocar o conservadorismo inglês pela agitação social que ainda fervilhava na França com as Revoluções de 1830. Estabeleceu-se em Paris e rapidamente engatou a vida profissional e pessoal, casou-se em 1835 com uma jovem inglesa chamada Susannah Frances Pierson, que também compartilhava seus interesses por literatura, e com ela teve nove filhos. Abriu no mesmo ano uma pequena livraria que também funcionava como sala de leitura e editora chamada *Le Librairie des Étrangers*, publicou seu primeiro romance, *The Youthful Impostor* (publicado novamente em 1847 como *The Parricide*), tornou-se editor literário do *Paris Literary Gazette* e teria supostamente investido no jornal *London and Paris Courier* como coeditor (HUMPHERYS; JAMES, 2018, p. 3-4). Suas finanças por outro lado iam de mal a pior, além de ter iniciado vários empreendimentos arriscados com a promessa de pagar com sua herança, ele era um dandy declarado e gostava de manter seu estilo de vida aristocrático. Meses depois de embolsar a herança e quitar todas as suas dívidas que havia acumulado, declarou falência e voltou para a Inglaterra com a família.

Voltando a Londres, Reynolds retomou sua escrita para sustentar a sua esposa e filhos. Passou a contribuir para a revista *Bentley's Miscellany* em 1837, e a editora *Monthly Magazine of Politics, Literature and the Belles-Lettres*, onde publicou a série *Pickwick Abroad, or The tour in France* (1837-1838), uma "continuação" não autorizada do então recém-concluído *The Pickwick Papers* (1836-1837), de *Charles Dickens*. Essa e algumas outras séries escritas por Reynolds e colaborações de sua esposa, que também escrevia e chegou a publicar um romance e uma novela alguns anos mais

tarde, ajudaram a aumentar a circulação da *Monthly Magazine*, que estava à beira da falência. Porém, após uma discussão com os proprietários, que achavam o conteúdo muito “atrevido”, ele deixou a editora e a revista encerrou suas atividades. Desempregado, porém não desmotivado ou desanimado, resolveu aproveitar sua ligação com a França e publicou *Reynold’s French Self Instructor* (1839), *Alfred de Rosann, or The Adventures of a French Gentleman* (1839), *The Modern Literature of France* (1839), *Grace Darling, or The Heroine of the Fern Islands* (1839) e *Robert Mecaire in England* (1840)(COLLINS, 1967, p.656-665).

Em 1840, sua carreira deu uma guinada bastante inusitada: Reynolds se tornou defensor do Movimento do Abstencionismo (que advoga a moderação ou a privação do consumo de bebidas alcóolicas) e se converteu ao *teetotalism* (consiste na prática de se abster totalmente do álcool) após ouvir uma palestra de J. H. Donaldson. Chegou a ser presidente da *London United Temperance Association* e a editar a revista *The Tee-Totaller* (1840-1841), pela qual publicou ficções sensacionalistas sobre o assunto - não tendo uma boa aceitação do público -, causando um desentendimento com os líderes abstencionistas da *London United Temperance Association*, porém posteriormente foi nomeado diretor geral da *United Kingdom Anti-Teetotal Society*.

Novamente, Reynolds perdeu seu emprego. Pouco se sabe o que ele fez nos anos a seguir. Na época ele morava com sua família em uma modesta área de Londres em um cômodo único, sendo que a única informação sobre ele que se tem notícia é que ele não parou de produzir. Em 1844, John Dix, um jornalista o visitou em sua casa, descreveu a cena que se deparou ao vê-lo em um quarto dos fundos da casa, “embrulhado num roupão encardido e empoleirado no banco de uma escrivaninha alta, escrevendo como uma máquina a vapor” (COLLINS, ano, p.656-665). Foi provavelmente nessa ocasião que começou a escrever sua obra prima.

*The Mysteries of London* foi publicado pelo editor George Vickers em partes semanais entre outubro de 1844 e setembro de 1848, totalizando 52 números para cada um de seus dois grandes volumes. Cada parte era composta por oito páginas e continha uma xilogravura feita pelo ilustrador George Stiff. Ao final de cada mês, elas eram reunidas em números que custavam *sixpence*, e ao final do ano, se transformavam em um volume. O

romance logo se tornou um best-seller, e Reynolds finalmente conseguiu se estabilizar financeiramente como escritor. Estipulou com seu editor que o romance seria dividido em duas séries em dois volumes cada<sup>13</sup>, mas, após brigarem no final da primeira, a parceria termina. Então Vickers contratou dois escritores para continuarem o romance interrompido: Thomas Miller e Edward Leman Blamchard que escreveram o terceiro e o quarto volumes. No entanto, nenhum deles parecia ter o talento de Reynolds, pois a segunda série não teve tanto sucesso quanto a primeira.

Reynolds passou a trabalhar com John Dicks, que se tornaria não só seu editor permanente, mas também amigo pessoal e “gerente financeiro”. Em 1845, tornou-se o primeiro editor do London Journal (1845-1912), a convite de Stiff, mas permaneceu no cargo por apenas um ano (HUMPHERYS; JAMES, 2008. p. 4). Logo depois, dedicou-se ao projeto que ele e seu editor haviam elaborado, o periódico Reynolds’s Miscellany of Romance, General Interest, Science and Art, no qual publicou *Wagner the Wehr-Wolf* (1846-1847), *The Mysteries of the Court of London* (1848-1856) e *The Necromancer* (1851-1852). Mas o que era para ser uma conquista virou estresse e dor de cabeça, pelo menos no início. Mesmo após a discussão Reynolds e Vickers se mantinham cordiais em público, até que o escritor se surpreendeu com uma publicação intitulada “Reynolds’s Magazine, assinada por Vickers contendo todo o conteúdo do seu periódico, sendo vendida em todas as bancas da cidade uma semana antes da data de lançamento do mesmo. O que de fato aconteceu foi que Reynolds teve de enviar cópias do primeiro número de Reynolds’s Miscellany para os distribuidores, incluindo Vickers, mas também teve a infelicidade de contratar os serviços de impressão de Stiff, que trabalhava principalmente para Vickers. Os dois já haviam anunciado que lançariam uma revista para concorrer com o periódico, e embora soubesse da reputação não muito respeitável deles, Reynolds não poderia imaginar que se tratava de um plágio completo de seu material. Como era de se esperar, publicou um ataque a seus rivais que demonstrava tanto esnobismo que acabou virando piada.<sup>14</sup>

13 Como foi popularizado com o nome de Reynolds a série parece que teve seu fim em 1848, porém Reynolds interrompeu sua participação em 1846 quando foi o fim da primeira série, e os dois anos seguintes são da segunda parte da série escrita por outros dois autores.

14 SALLES, Karina dos Santos, Penny Bloods - O Horror Urbano na Ficção de Massa Vitoriana, op. cit., p, 51

## 2.3 *The Necromancer*

O livro escolhido para este projeto, *The Necromancer*, que teve sua primeira publicação em 1857, conta a história de Lorde Danvers, um homem que fez um pacto com Satan para obter vários poderes incríveis, incluindo juventude eterna e a habilidade de mudar sua aparência. Em troca, ele deve, no passar dos próximos 150 anos, convencer seis mulheres a fugir e se casar com ele, isso daria permissão ao Satan tomar suas almas. Danvers começa o pacto em 1390 e a história acontece em 1510 quando ele adquire a alma de Clara Manners, a quinta vítima. A partir daí há um lapso de tempo de seis anos. O leitor não sabe exatamente o que é o segredo de Danvers até o final do livro, mas desde o início fica claro que ele tem alguns poderes sobrenaturais e que ele não é uma pessoa boa.

Cada vítima de Danvers tem familiares que juraram se vingar dele pelo que ele fez com a mulher que ele tomou da família. Mas eles não sabem que Danvers é apenas uma única pessoa e não homens de gerações diferentes de uma mesma família. Isso porque Danvers tem a habilidade de alterar sua idade e aparência, mudando apenas o seu primeiro nome.

O plot principal se concentra em Musidora, uma jovem mulher com um segredo que ela não releva que a fez ser mais quieta e fria do que em sua juventude. Ao mesmo tempo, o Rei Henry VIII está infeliz com a sua esposa, "Katherine of Aragon", pretendendo se divorciar e encontrar uma nova. Os parentes de Musidora convencem o pai dela a deixá-la os visitar já que eles moram perto do palácio of Greenwich. Eles estão em desgraça com o Rei, mas acreditam que a beleza de Musidora fará o rei se apaixonar pela mesma e com isso irá restaurar sua antiga posição na corte. Tudo ocorre como planejado, e Musidora logo concorda em casar com o Rei Henry. Eles arranjam um casamento enquanto o rei produz um testamento para o papa testemunhando a anulação do seu casamento anterior. Uma grande tempestade surge assim que o casamento acaba, e logo tudo é revelado, incluindo que Danvers estava se passando por Henry.

À medida que as situações acontecem, a ficção intercala as histórias de Danvers do passado e suas outras cinco vítimas, contadas por seus parentes ou seus descendentes. As histórias são bem elaboradas e contam o caminho percorrido para cada um dos casamentos e sacrifícios. Eles explicam a razão

por trás da vingança que as famílias procuram.

No final, Musidora consegue escapar das garras de Danvers e se casa com seu primo e muitos anos se passam. St Louis, um dos parentes das vítimas de Danvers, é visitado por sua ancestral em um sonho que o diz para ir para "Holy Land". Lá ele conhece o pai de outra vítima que o alertou que o tempo para Danvers concluir seu contrato com Satan estava acabando e que ele deve impedi-lo de capturar sua última vítima. O pai da vítima dá para St Louis um crucifixo para ajudá-lo em seus esforços.

St Louis volta para Inglaterra, e com a ajuda de Musidora vai até o castelo de Danvers no "Isle of Wight" onde Danvers está para tomar a alma de sua última vítima. Musidora o impede de usar o crucifixo para abrir a porta do castelo, para que ela possa fazer seu caminho até Danvers e Marian, a última vítima, que acaba por ser filha da Musidora e do Danvers (o segredo da juventude de Musidora) Danvers fica aterrorizado ao descobrir que ele quase destruiu sua própria filha. Musidora reza por ele porém suas rezas são sem fundamento. Satan surge e o leva ao inferno. As almas das outras cinco vítimas são soltas e enviadas aos céus.

## 2.4 Análise de algumas referências.

Para as referências, foram analisados livros com a estética que se assimilaram com a ideia do projeto, voltados para o universo do terror e do gótico e até Penny Dreadfuls. Iniciamos a análise com as publicações da editora mais famosa atualmente que trabalha com livros de terror: a Darkside. Apesar de os livros terem capas muito bem produzidas, eles pecam na diagramação, pois a parte interna do livro não tem nada de inovador. Outra editora importante para a pesquisa é a Wish,, que produziu inclusive a primeira tradução do livro *Sweeney Todd and the string of pearls* por James Malcolm Rymer and Thomas Peckett (único Penny Blood traduzido com um design trabalhado e *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça* por Rip Van Winkle (que, mesmo não sendo um Penny Blood, é uma boa referência para esse projeto). A editora recente foi criada por duas designers e tem a proposta de acrescentar a diagramação de forma a enriquecer o livro. Os livros são bem planejados e muito bem executados.

*Sweeney Todd and the string of pearls* é projetado como um jornal, focando toda sua estética em exemplificar o que os Penny Bloods eram no passado.

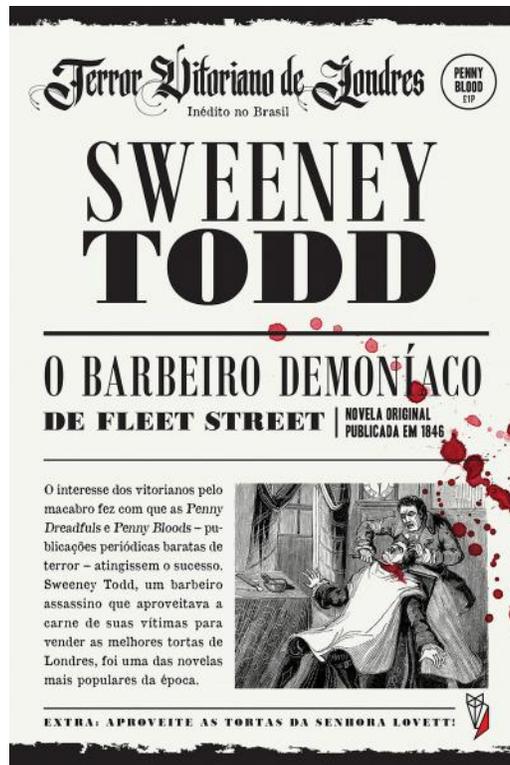


Figura 8: Capa do livro "Sweeney Todd and the string of pearls" por James Malcolm Rymer.

O livro "A lenda do Cavaleiro sem Cabeça" usou a história como base para o design, com a arte baseado no cenário em que o filme ocorre e do personagem principal. Com um design bem clean e direto o livro é bem diagramado e bem executado atingindo o seu propósito.

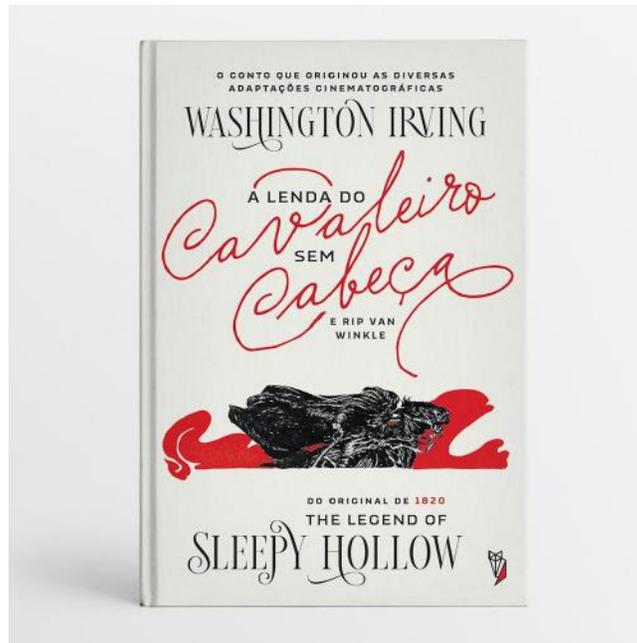


Figura 9: Capa do livro “A lenda do Cavaleiro sem Cabeça” por Rip Van Winkle.

Outra referência na pesquisa foi o livro “O Rei de Palha por Kayla Ancrum, onde se tem páginas pintadas com fotos sobrepostas e trabalhadas com grafismo.

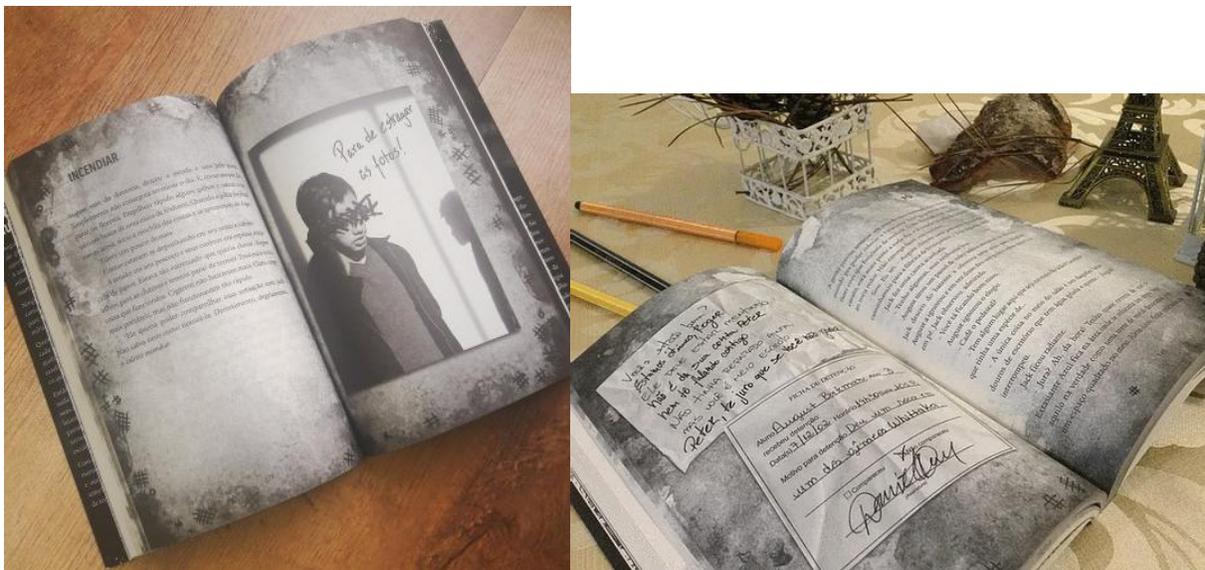


Figura 10 e 11: Grafismo do livro “O Rei de Palha” por Kayla Ancrum.

## 3. Projeto

O objetivo deste projeto é dar destaque a um gênero literário ignorado por tantos anos. Inicialmente ele seria traduzido durante o processo de criação do layout para ser a primeira tradução em português desse livro, incentivando a leitura dos jovens. Porém, pelo foco desse trabalho ser um projeto de design e não haver tempo hábil para a tradução de um livro tão volumoso, a intenção é que ele seja traduzido futuramente.

### 3.1 Formato

Para dar o destaque que esse projeto precisa foi escolhido um formato que fizesse o livro se sobressair na prateleira. A medida 23x16 cm, favorece um bom aproveitamento do papel e destaca as belas imagens de época que acompanham a obra. Inicialmente havia dois caminhos pelos quais eu poderia seguir visualmente: o caminho de Danvers, que mudava sua face, seu nome e todas suas características físicas constantemente para não ser apanhado durante a sua cega obsessão pela vida eterna; ou o de Musidora, que é descrita com a beleza e delicadeza de uma rosa porém um coração gelado e uma feição séria. Fazer algo mais delicado e me utilizar das descrições da Musidora para a parte gráfica do livro não tinha o apelo necessário para o livro. Por ter um título tão significativo como *The Necromancer*, ressaltar a mocinha na parte gráfica ia ocasionar a perda do foco no *Penny Blood*. Escolher Danvers seria a solução mais lógica, já que todos os acontecimentos ocorrem em torno dele e da tentativa de chegar à sua conquista. O que não facilitava o processo era a falta de permanência do personagem e a constante mudança de aparência. Direcionando o foco para o lúdico, me utilizei do único ponto que permeia todo o livro: a escuridão, o vazio, o redemoinho de trevas em que o personagem se encontra perdido, em que ele nem se vê mais como humano, e o único ponto focal dele é o objetivo de conseguir completar o pacto. Todo o embasamento do desenvolvimento gráfico acompanha o desenvolvimento do personagem.

### 3.2 Grid

Começando a pensar em como o livro seria visto, sem perder a essência do *Penny Blood* e toda a arte pensada para sua produção na época, optei por desenvolver dois grids. Como eles eram diagramados originalmente em duas colunas, nos jornais, a escolha foi também por duas colunas na página inicial de cada capítulo, dando destaque para a imagem original que veio com a obra, deixando o texto em um corpo menor, no intuito de facilitar a leitura e deixar menos maçante do que ler uma página inteira dessa forma.

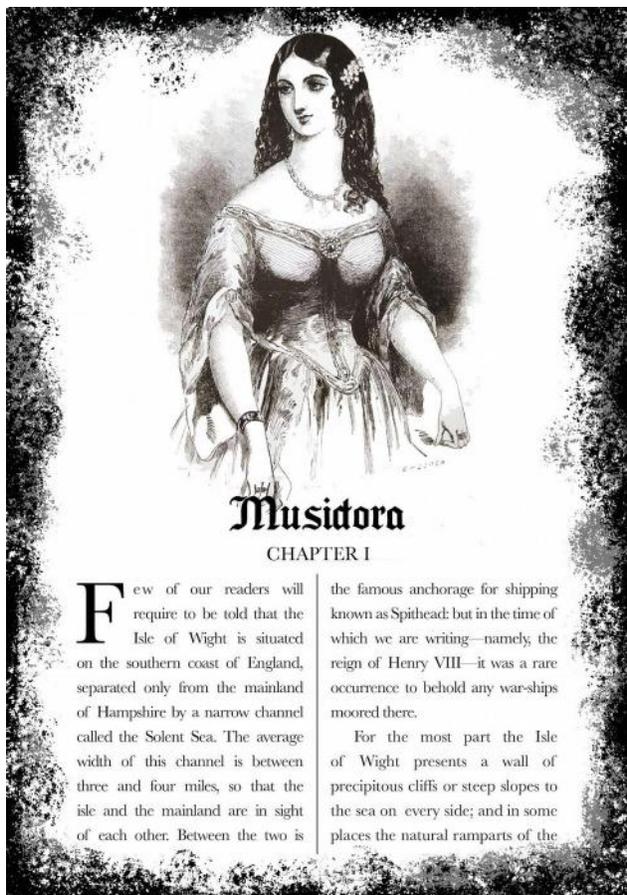


Figura 12: Grids para aberturas de capítulo e páginas normais.

lozenge-shaped isle rise to an elevation of five or six hundred feet. There is much grandeur in those eminences overlooking the sea; while all the interior of the insular tract is characterized by the most beautiful scenery; and the mildness of the climate causes myrtles, laurels, geraniums, and various kinds of delicate evergreens to flourish throughout the winter.

Brading Castle is situated on the north-eastern point of the island—the town from which it takes its name being at no great distance from another equally well known—we mean St. Helens. At high water the haven is a beautiful lake covering an extent of a thousand acres; but at low water it presents to the view naught but a surface of sand traversed by the river Yar. Still at the present day the lands about the haven are well wooded; but at the period of which we are writing all that part of the island had the appearance of a forest, the little towns of Brading and St. Helens being embowered as it were by giant oaks which spread their verdure down to the very edge of the haven.

On the rising coast that ascends from Brading Haven, stood a large house—or indeed mansion—consisting of dingy red brick supported and as it were interwoven by a massive timber frame-work. It was an ancient building, with many straggling offices and outhouses in the rear, and standing on an eminence where the trees had been cleared away to afford room for a shrubbery and lawn in front, an orchard on one side, an immense kitchen-garden on the other, and a large field behind. It commanded a splendid view of the sea, overlooking the entire range of forest that stretched upon all the proclivities around.

This house was the property and residence of an old knight named Sir Lewis Sinclair. He was a widower, devotedly attached to hunting, good living, and the bottle, to all of which perhaps he accorded a greater share of his love than to his beautiful daughter Musidora. She was an only child; her mother had died in her infancy;—and when she grew up the chief care of the household devolved upon herself.

Sir Lewis Sinclair had reached the good ripe age of sixty-two at the time when we thus introduce him to our readers, and which was in the

O segundo grid foi pensado com uma coluna apenas, da forma como estamos mais acostumados a ler, no formato justificado. A mancha gráfica se organiza quase como um bloco preto, de maneira que não atrapalhasse a leitura, para transpor a ideia do personagem principal estar preso naquela história densa e obscura.

made not only them, but likewise her cousin Percy himself, believe that her heart had turned to ice. The young man had continued to be as constant a visitor as his official duties would permit at Sinclair House; and at least three or four times a week would he mount his horse, when the business of the morning was over, and gallop across from Carisbrook Castle to Brading Haven. For Carisbrook was the residence of the Governor, Sir William Woodville; and the distance between that celebrated fortress and Sinclair House was but ten miles.

Musidora, as already stated, liked her cousin Percy Rivers as well as she seemed capable of liking anybody. But she liked him, not only because they were relatives or because they had known each other so long and had been playmates in earlier years,—but because her cousin was in every way a fine and noble character—frank-hearted, generous, and honourable to a degree—brave, and skilled in all manly exercises—endowed with a rare intelligence—and having neither the frivolities nor the vices which characterized the well-born young men of those times. But more than all this, she liked him because she had read the state of his heart—she knew that he loved her—she compassionated him for that hopeless affection—she admired his delicacy in not having breathed it to her ears—and she was aware that he had never fixed his eyes on any other woman, but remained unmarried through a sort of romantic fidelity to this deep, earnest, but unrequited love of his!

“Good day, my fair cousin,” said Percy, as he sped across the orchard to join Musidora. “I do not wonder that you should be enjoying the beauty of the weather, for methinks that never did Nature seem more charming.”

“And you, who have a mind to appreciate all its beauties, must enjoy them doubly when escaping from the cabinet of Sir William Woodville:”—and as Musidora thus spoke in a voice which was ineffably musical in its tone, but without much variety of accent, the animation of her countenance brightened into a smile of welcome as she extended her hand to her cousin.

44

He pressed it quickly as if afraid to trust himself with that beautiful snowy hand in his clasp, but instantaneously offered her his arm, which she took at once; and they crossed the orchard together.

“Musidora,” said Percy, now breaking silence with some little embarrassment in his manner and hesitation in his speech, “I am glad I have thus found you alone. I wanted an opportunity to speak confidentially and privately with you.”

The damsel raised her eyes with a slow look of mingled astonishment and inquiry to the countenance of her cousin, who thus began to address her with so much unwonted mystery; but she said nothing. It seemed as if she could well wait until he chose to explain himself.

“I know you will forgive me for venturing to broach so delicate, and indeed so disagreeable a topic,” he continued, after another pause; and now she gazed at him with a steadier look, as if resolved to penetrate his meaning at once, although she seemed to experience no earthly emotion of either curiosity or suspense—a little astonishment perhaps, but no indication that she cared very much about having it gratified. “It is relative to your father—my revered uncle—that I would speak,” added Percy after another pause.

“I am sorry to say,” remarked Musidora, her voice now modulated to mournful accents, “that my poor father’s health seems to be suffering. Unable to entertain a house full of guests as was once his custom as well as his pride, the sense of loneliness gains day by day upon him; and he has no longer the same inducements to ride forth to the chase or pursue the sports of the field.”

“This gradual settling down into more quiet habits,” rejoined Percy, “was naturally to be expected from the breaking-up of his large establishment of hunters, hounds, grooms, and falconers; but as this event took place nearly six years ago, the poignancy of the regret attending it must have long since been blunted. I fear me, Musidora, that it is not the remembrance of his studs and his packs that now preys on your father’s mind—no, nor even what he considered at the time to be the shame and

45

Figura 13: Grids para aberturas de capítulo e paginas normais.

### 3.3 Tipografia

Utilizando fontes góticas, como a fonte *BaskervilleMTStd-Regular* para o miolo. Um relato rápido sobre a origem da fonte: “John Baskerville nasceu em 1706 em Sion Hill, Worcester. Por volta de 1723, o hábil pen-man já trabalhava como professor de caligrafia e gravador de lápides. No ano de 1740 iniciou em Birmingham um negócio de lacas e vernizes — empresa que o tornou abastado.

Mas foi só em 1750 que começou a fazer experiências com a fabricação de papel, a elaboração de tintas, a fundição de tipos e a impressão – uma

espécie de hobby, que cada vez mais o fascinava (e mais lhe pesava na bolsa).

Em 1754, John Baskerville, já com uns avançados 48 anos de idade, desenhou o seu primeiro tipo, sendo os punções gravados por John Handy, artesão com o qual trabalhou 28 anos.”<sup>15</sup>.A tipografia Baskerville tinha o intuito de trazer o apelo visual do contraste de linhas finas e grossas para reforçar a diferença entre a Musidora, descrita como uma mulher linda e delicada, e o Danvers, que tem todas as artimanhas para tentar conseguir o que quer e estava obcecado com o seu objetivo.

A Tipografia *PlainBlack* foi utilizada para os títulos e para o nome do livro, uma fonte com presença e destaque sem deixar de ser facilmente legível. Para o nome do autor na capa e detalhes do interior do livro foi utilizada a *244VollmondAL* para manter o contraste com a fonte dos títulos que tem partes mais grossas e é mais expressiva.

### 3.4 Ilustrações

Quase todos os capítulos de um Penny Blood tinham originalmente imagens de abertura e elas foram utilizadas nessa diagramação. Além disso, foram criados ornamentos de apoio para dar mais destaque ao livro, assim como grafismos e arabescos para atribuir um pouco da personalidade dos personagens principais ao livro. Para a abertura da página, criei um grafismo que ao longo dos capítulos vai ficando mais claro, de acordo com a dissipação da escuridão que cerca Danvers. No final do livro ele não está livre da escuridão e da sombra que o cerca, por isso ela nunca fica invisível, apenas mais clara. Por meio desse detalhe tornei visual a sensação do personagem ao tomar algumas decisões que o fizeram voltar a ser mais humano e fazendo a névoa se dissipar um pouco, porém não completamente.

15 John Baskerville (1706 — 1775)

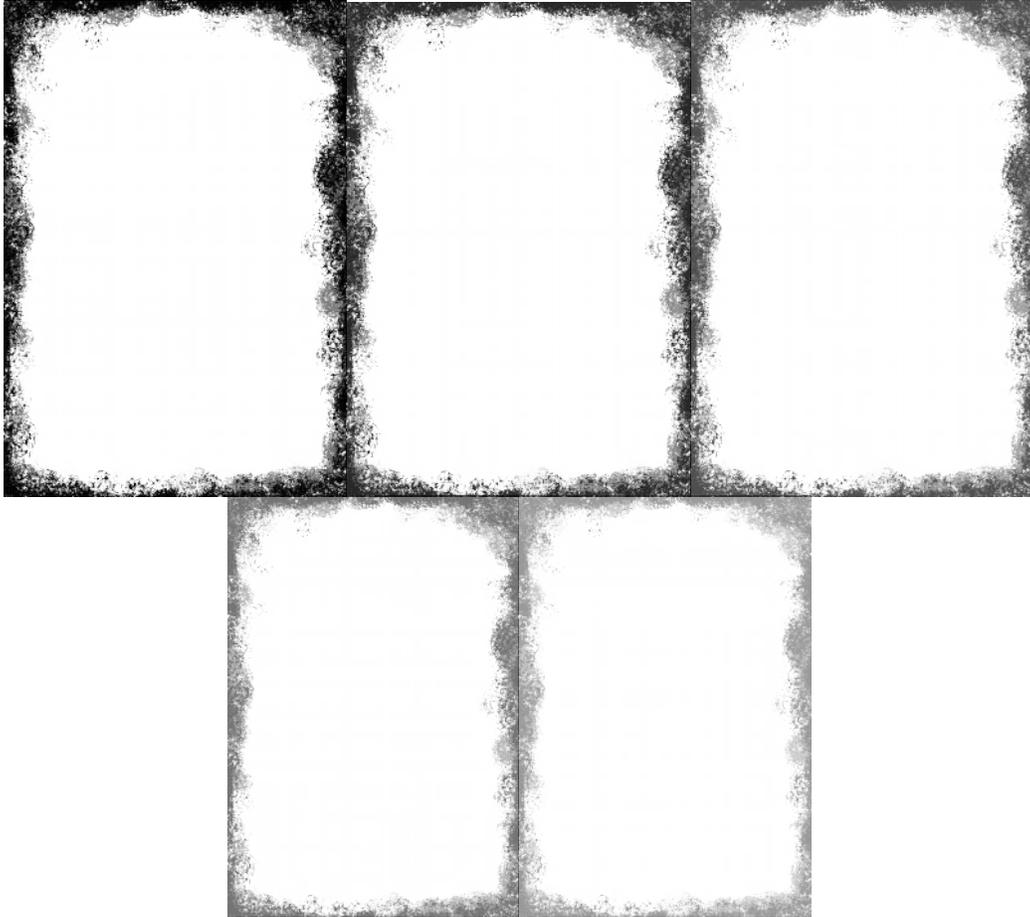


Figura 14, 15, 16, 17 e 18: Grafismos para as aberturas de capítulo.

Para a finalização dos capítulos criei um arabesco, utilizando a Musidora como inspiração. Me utilizei de sua rigidez, beleza e do seu crescimento ao decorrer da história. Com referência à estética gótica, foi desenvolvido um arabesco que, como a personagem, se desenvolve e cresce ao longo dos capítulos, se tornando mais imponente e presente.



Figura 19: Arabesco para finalização de capítulo.

sudden fall of the two suits of armour, accompanied by a terrific crash, had so dismayed poor Marian that she had not recovered from the effects of the fright at the time Musidora thus rejoined her and St. Louis: but the presence of that being whom she now regarded as her mother infused hope and confidence into her gentle breast.

"Let us speed hence," said Musidora, as through the cathedral light of that gothic hall she flung upon St. Louis a rapid but significant look to make him aware that all was over in the chamber of mysteries. "Now, dearest girl," she added, straining her daughter to her bosom, "you will accompany me to Carisbrook Castle, which is my home—and God grant that it may likewise prove yours!"

These last words Lady Rivers murmured to herself, so that they were inaudible to Marian. But why did Musidora entertain a doubt as to whether Carisbrook Castle might be regarded as the future home of her daughter? Because, after everything that had occurred, and under existing circumstances, it would be necessary to make a full and complete confession of the entire past to her husband; and though she had the sublimest faith in his love, his generosity, and his compassionate disposition, yet she could not be altogether sure of the course which he might decide upon adopting towards herself and her child.

Issuing forth from the castle, Lord St. Louis assisted Musidora and Marian to mount his horse, which he led by the bridle. But where were the demon steeds belonging to Lord Danvers? how was it that St. Louis and Musidora, when arriving at the Castle, had seen them not at the gate? It was because they had vanished the moment that holy crucifix which St. Louis had given to Musidora, was near enough to the castellated edifice to shed its talismanic spell upon those unearthly steeds which belonged to the Power of Darkness: and thus had they disappeared even before either St. Louis or Musidora had reached the spot where Danvers had left them.

Few words were spoken by Lord St. Louis, Lady Rivers, and Marian on the way to Carisbrook Castle, which they were nearly two hours in reaching, as the steed that bore the ladies could only proceed at a gentle

734

pace, and the distance was upwards of ten miles. But at length the governor's residence was gained, and Lord St. Louis was courteously invited by Musidora to take up his quarters there.

Ere sleep fell upon the eyes of either the mother or daughter during the rest of that eventful night, they remained long in conversation together: for Musidora was anxious to learn from Marian's lips all the particulars of her past life. But in respect to the young damsel, Musidora avoided giving any precise explanations relative to her birth: for this was a proceeding which for several reasons she desired to postpone until she had first communicated everything to her husband. Marian longed to ask what had become of Conrad Danvers: but she dared not. Though far from suspecting aught that had occurred in respect to the past life or the fearful doom of that unhappy man, the young maiden nevertheless could not help feeling that there was some dark mystery in connexion with all that had just taken place at Danvers Castle, but into which she ventured not to inquire. Musidora, seeing what was passing in her mind, gave her to understand that she must never hope to see Lord Danvers again, and that there were imperative reasons wherefore his name should never be breathed except in her prayers!

But ere the conversation between the mother and daughter terminated that night, the former gave the young damsel the welcome assurance that no unnecessary delay should occur in despatching a messenger to Chelmsford, to set at rest any apprehensions which Dame Musgrave might naturally entertain relative to Marian's absence from home.



735

Figura 20: Finalização de capítulo com arabesco.

### 3.5 Miolo

Mantendo todo o foco na escuridão e nas trevas que envolviam Danvers, o livro começa com páginas pretas e a escrita em branco, utilizando a mesma técnica do grafismo citada anteriormente para passagens de tempo e transições entre o branco e o preto do fundo. A criação das páginas pré-textuais foi toda pensada para ser em preto, porém como ler no fundo preto estava tornando cansativo, deixei apenas o Sumário com o fundo preto e as letras em branco, e, nos outros textos que tinham uma densidade maior, optei por fazer a transição com grafismo e escrever tudo no fundo branco, voltando para o fundo preto logo após o fim do texto.



Figura 21: Sumário.

### 3.6 Capa dura

No prólogo do livro, uma passagem importante é quando Danvers mata a sua quarta vítima. Nela há uma descrição detalhada da parede do quarto, onde os nomes das suas vítimas aparecem em vermelho sangue vivo como fogo em quadrados pretos.

A partir dessa cena, foi feita uma releitura de como seriam os quadrados depois que séculos se passaram desde a primeira vítima. Eles estariam desgastados, porém com os nomes ainda em vermelho vivo. Por isso a capa dura tem como fundo esta parede preta com aplicação de hotstamping vermelho para transmitir a ideia do sangue com fogo com que o nome das vítimas era escrito.

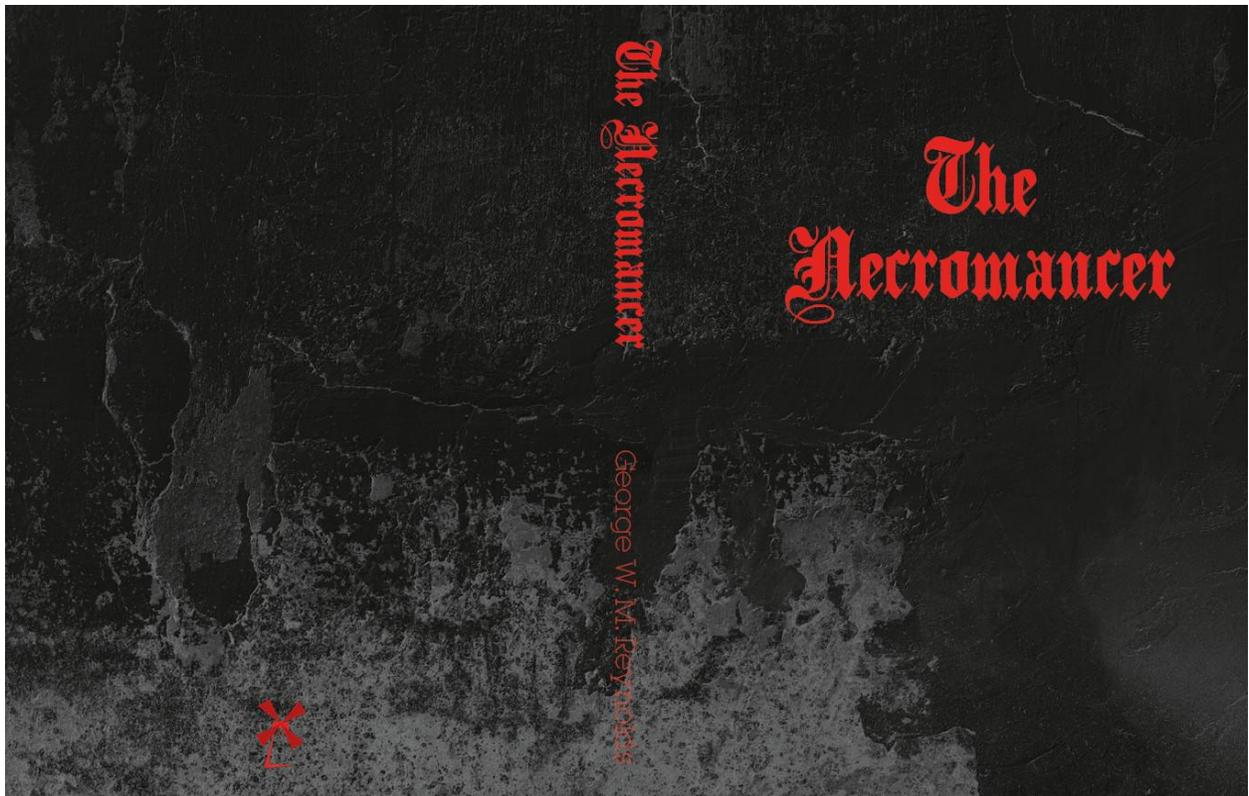


Figura 22: Capa dura do livro.

A lateral das páginas do livro quando fechado será vermelho. Como todo o livro é monocromático e só se tem cor na capa e na sobrecapa, haverá uma conexão visual do vermelho da capa com o miolo, tendo a costura vermelha, uma fita desfiada para marcação vermelha e esse efeito gráfico para dar destaque ao livro.



Figura 23: Mockup do livro.

### 3.7 Sobrecapa

Todo o livro é pensado para transmitir a época em que ele foi escrito, porém com um toque moderno para atingir aos jovens de hoje. Pensando nisso, a modernidade está presente na sobrecapa, de forma que ela tenha mais destaque. Uma sobrecapa é utilizada para chamar atenção do cliente de longe para sua obra, então a opção foi torná-la bem simples porém impactante, sendo o aspecto do sangue um chamariz para a obra.

Também buscou-se criar para as capas um contraste: a capa dura interior tem um aspecto mais antigo, enquanto a sobrecapa, uma cara mais viva, mais intrigante, porém sem contar tudo sobre o conteúdo.

Para dar destaque à sobrecapa e transmitir o conceito do livro, ela terá dois lados. O lado interno dela será um mapa de Londres da época, dando localidade aos acontecimentos e senso de direção ao leitor.





Figura 26: Mockup sobrecapa.

### 3.8 Conclusão

A conclusão desse projeto encerra o caminho que trilhei como aluno da Escolas de Belas Artes na UFRJ. Aqui tomei conhecimento e gosto de áreas do design que antes eu não achava que seriam tão o “eu” que sou hoje, conhecimentos que ganhei através das aulas, trocas com professores e aprendizados compartilhados com amigos nos corredores. A realização desse projeto foi uma tarefa tão prazerosa quanto frustrante, pois ele me colocou à prova minha flexibilidade em trabalhar em áreas diferentes do design, me fazendo exercitar todo o conhecimento adquirido durante a minha formação.

O processo de coleta de informação foi essencial para o desenvolvimento desse projeto. Os dados históricos, o conhecimento sobre o autor e o conhecimento prévio sobre a história me serviram como base para lidar com o caminho gráfico que eu daria para o projeto de maneira mais eficiente.

Por último gostaria de expressar meu contentamento com o resultado deste projeto. Desde a parte de pesquisa até a criação, foi uma grande montanha russa de informação e de sentimentos que sou grato por passar. Olharei daqui em diante com outros olhos para qualquer livro que passe por minhas mãos. A prática com a diagramação, a ilustração e a produção de um livro foi uma experiência muito enriquecedora técnica e metodologicamente, me apontaram caminhos que eu gostaria de continuar a trilhar no meu futuro.

Pessoalmente, considero que alcancei o resultado que eu queria com esse projeto, os testes que fiz com o público alvo foram super positivos, atingindo o nível de satisfação do mercado e meu intuito de incentivo a leitura. Com erros, dúvidas da minha capacidade pessoal e do meu conhecimento e acertos, sou muito grato a todos que puderam fazer parte desse momento e que me guiaram com palavras de afeto e com conhecimento para a conclusão dessa etapa na minha vida.

## Bibliografia:

**A Defence of Penny Dreadfuls.** disponível em:

<http://www.gkc.org.uk/gkc/books/penny-dreadfuls.html> .  
Acesso em 09/10/2020.

COLLINS, Dick. **“George William McArthur Reynolds: A Biographical Sketch”** .:

REYNOLDS, G. W. M. *The Necromancer* [1851-2]. Edição Kindle. Kansas: Valancourt Books, 2007.

COLLINS, **“The Life of a Poet. A Biographical Sketch of William Collins”**. London: Sidgwick & Jackson; First Edition (January 1, 1967).

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**Cartismo** , disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/cartismo.htm> .

Acesso em 15/09/2020.

**Folhetim**, disponível em:

<https://www.infoescola.com/generos-literarios/folhetim>.

Acesso em: 19/11/2020.

GAIMAN, Neil. **Neil Gaiman lecture in full: Reading and obligation**.

Palestra originalmente realizada em 14 de outubro de 2013 pela The Reading Agency. Disponível em:

<https://readingagency.org.uk/news/blog/neil-gaiman-lecture-in-full.html> .

Acesso em: 03 de janeiro de 2020.

HUMPHERYS, Anne; JAMES, Louis. “Introduction”. In: HUMPHERYS, Anne; JAMES, Louis (Eds.). **G. W. M. Reynolds: Nineteenth-Century Fiction, Politics, and the Press**. Hampshire: Ashgate Publishing Limited, 2008.

JAMES, Louis. “Foreword”. In: **REYNOLDS, G. W. M. The Mysteries of London, Vol. 1**. Edição Kindle. Kansas: Valancourt Books, 2013.

**John Baskerville** (1706 — 1775) disponível em:

<http://www.tipografos.net/historia/baskerville.html#:~:text=Em%201757%2C%20Baskerville%20faz%20a,quarto%2C%20causou%20sensação%20na%20Europa>.

Acesso em 23/02/2021.

KIRKPATRICK, Robert J. From **the Penny Dreadful to the Ha'penny Deadfuller: A Bibliographic History of the Boys' Periodical in Britain 1762-1950**. London: The British Library and Oak Knoll Press, 2013.

**Os Penny Bloods e a imprensa radical nos anos 1840 na Inglaterra.**

disponível em:

[https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529296827\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnpuh2018OSPENNYBLOODSEAIMPRENSARADICALNOSANOS1840NAINGLATERRA.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529296827_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2018OSPENNYBLOODSEAIMPRENSARADICALNOSANOS1840NAINGLATERRA.pdf) .

Acesso em 28/09/2020.

**O romance de folhetim no Brasil do século 19.** disponível em:

<https://vermelho.org.br/2012/02/06/o-romance-de-folhetim-no-brasil-do-seculo-19/> .

Acesso em 19/11/2020.

**Penny bloods: o horror urbano na ficção de massa vitoriana.**

disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3115> .

Acesso em 23/07/2020.

**Penny dreadfuls: a literatura gótica para as massas.** disponível em:

<http://notaterapia.com.br/2018/02/24/penny-dreadfuls-literatura-gotica-para-massas/> .

Acesso em 08/10/2020.

**REYNOLDS, G. W. M. The Mysteries of London [1844-1848], Vol. 1. Edição Kindle.** Kansas: Valancourt Books, 2013.

**The Bookseller.** disponível em:

<https://www.thebookseller.com/> .

Acesso em 09/10/2020.